

REVISTA

**c.vale**

Ano XII - Nº 73 - Janeiro/Feveiro de 2021

# ***A força do cooperativismo e da fé contra a Covid-19***

**Mala Direta  
Básica**

9912316044/A2018 - SE/PR  
**C. Vale – Cooperativa  
Agroindustrial**

 Correios

*La Niña deve  
trazer frio  
precoce em 2021*



# Fé e cooperativismo contra o coronavírus

ORAÇÃO E ATIVIDADES DE COOPERATIVAS AJUDAM A ENFRENTAR A PANDEMIA DE COVID-19

**A**carreata era de perder de vista. Só dava para ver as luzes dos veículos e a empolgação frenética das buzinas. Parecia festa. Mas era festa. Festa do renascimento. Da vitória. Da vida! Foi assim que os moradores da pacata Terra Roxa, no oeste do Paraná, deram as boas-vindas a sua ilustre moradora, que ficou adormecida por 47 dias num leito de UTI. Motivo: Covid-19.

As últimas palavras da professora e associada da C.Vale, Márcia Sônego de Pádua, antes de ser entubada, no dia 2 de setembro de 2020, soavam como uma despedida típica de quem previa o pior. “Rafa, fala ‘pro’ seu pai que eu amo muito ele. Amo você e seus irmãos. Parem de brigar! Fala ‘pro’ vó e a vó que eu amo muito eles também. Não quero que ninguém brigue por herança. As minhas joias estão...você entendeu filha...”. Minutos depois a voz que ecoava por todos os cantos da vida de centenas de pessoas foi abafada por um sedativo potente.

Márcia não se recorda desse episódio. Uma amnésia divina a poupou de tal angústia. Em contrapartida, familiares e amigos sentiram o sofrimento arrastado de altos e baixos por quase dois meses. “Ela é um milagre de Deus e da medicina”, constata, emocionado, Altair de Pádua. Cercado pelos filhos e netos, com a voz embargada, continuou. “O que ia ser de mim, da nossa família? Ela é tudo ‘pra’ nós”, questionando e respondendo com os olhos marejados.

## UNIÃO PELA FÉ

Márcia e Altair são casados há 38 anos. Dessa união nasceram Andreza, Rafaella, Amanda e Júnior, e os netos Ana Júlia, João Fernando, Giovana e Mariana. Naturalmente, os Pádua já eram muito unidos. A Covid-19 veio para estreitar ainda mais os laços de família. As duas filhas que moravam em outros municípios retornaram para a cidade dos pais. “Minha vó é tudo pra mim. É minha segunda mãe”, resume, emocionada, a neta mais velha, Ana Júlia.

Quem não rezava, aprendeu. A comoção pelo restabelecimento da saúde de Márcia contagiou gente de todos os cantos. Dois grupos de WhatsApp foram criados para repasse de notícias e orações. Durante uma semana, 24 horas por dia, amigos e parentes se revezavam no altar para rezar a novena do Cerco de Jericó. Os evangélicos e protestantes se uniram em oração. Para os devotos de Nossa Senhora, no dia 12 de outubro a cura foi anunciada. “A fé não tem explicação. Ela só preenche nossos corações e nos enche de esperança”, diz a recém-formada médica, Rafaella.

Ela conta que a impotência de não poder ajudar a mãe com seu ofício foi traumática. O máximo que pode fazer foi interagir melhor com o corpo clínico. “Minha mãe sonhou



Márcia e Altair com os filhos e netos: família mais unida após a pandemia

comigo esse diploma. Não aceitava a possibilidade de ela não estar lá para comemorar isso comigo”, emociona-se a doutora, que celebrou a vida e sua colação de grau com a mãe na plateia.

## RENASCIMENTO

Antes da oficialização da contaminação pelo coronavírus, Márcia sentia muitas dores lombares, a ponto de trocar o colchão achando que era coluna. Por precaução e histórico com hipertensão, diabetes e sobrepeso, se isolou e fez o teste do Covid. Entre os exames, a tomografia demonstrou que 70% do seu pulmão já estavam tomados por uma fibrose. Em menos de 24 horas do diagnóstico foi entubada num leito de UTI. “Foi tudo muito



rápido. Não tivemos tempo ‘pra’ nada”, recorda Amanda. Márcia é secretária de Educação, Cultura, Esporte e Assistência Social. Segundo ela, ninguém de sua equipe ou familiares foi contaminado.

Familiarizada com seu prontuário, Márcia diz que “voou” baixo e teve que ser reanimada por duas vezes pelos médicos. “Coloquei o pé na cova e saí. Hoje celebro duas datas: 28 de julho, quando nasci, e 14 de outubro, quando renasci, aos 56 anos de idade.”

Os primeiros dias em casa foram de reabilitação. Não tinha forças e nem coordenação motora para sustentar a própria cabeça. A respiração ainda era auxiliada por balão de oxigênio portátil. Fisioterapia, fonoaudiologia e alimentação ba-

lançada ajudaram na recuperação. “O que me colocou de pé mesmo, sem nenhuma sequela, foi a união, o amor e a fé da minha família e da comunidade que orou muito por mim”, revela, com gratidão, a devota de Nossa Senhora Aparecida.

### DEVANEIOS DE UM COMA

Márcia não recorda de praticamente nada do período em que ficou em coma, mas se lembra de alguns sonhos bem inusitados. “Acordei fora da casinha”, revela, com bom humor, seus devaneios inconscientes.

Segundo ela, antes do Covid estava com alguns quilinhos a mais. Quando acordou tinha perdido 11 quilos. Coincidentemente, sonhou que tinha feito uma cirurgia plásti-

ca em pleno voo para Santa Cruz de la Sierra, na Bolívia. “Achei que estava acordando da anestesia, linda e plena. Passei a mão no meu corpo e estava sequinho.”

Márcia, que é filha de japonesa, sonhou que seu caçula tinha se tornado pai. “Nos meus sonhos era um mesticinho lindo.” O barulho da máquina de oxigênio soava como uma chuvinha contínua e serena. “Agradei a Deus pela chuva estar apagando o incêndio no Pantanal.”

Outro sonho que está inspirando os filhos a tornar realidade é uma viagem com o marido. “Estava com um chapéu lindo, enorme, num lugar maravilhoso. Era muito real. Estava muito feliz”, descreve Márcia.

# Emprego, a luz no fim do túnel da pandemia

POSTOS DE TRABALHO CRIADOS POR COOPERATIVAS ATENUARAM EFEITOS DA COVID-19

Márcia Sônego de Pádua é um dos milhares de pacientes beneficiados por ações conjuntas das cooperativas. Logo no início da pandemia, as cooperativas do oeste do Paraná repassaram recursos para a compra de respiradores e insumos hospitalares.

A C.Vale doou equipamentos para secretarias de saúde e hospitais de referência no atendimento da Covid-19. “O trabalho de formiguinhas que as cooperativas continuam fazendo tem salvo centenas de vidas. Não estou falando apenas de respiradores, estou falando de alimentos e garantia de empregos e renda para milhares de pessoas”, comentou o presidente da C.Vale, Alfredo Lang.

Sérgio Priori, que foi aluno de Márcia Pádua na adolescência, se juntou à corrente de oração pela ex-professora. “Ela é muito querida e especial para todos nós”, enfatizou. Atualmente é um dos responsáveis pela compra de materiais de segurança e medicina do trabalho para as indústrias da C.Vale.

Nesse período de pandemia, buscou todos os tipos de produtos e equipamentos de proteção para barrar a entrada do vírus nas plantas industriais. “Investir na prevenção e saúde do funcionário nunca foi um custo para a C.Vale, foi um investimento na vida”, resume Sérgio Priori.



**C.Vale fez doações de materiais e recursos financeiros** a entidades para ajudar no combate à pandemia

## “A C.Vale me deu o emprego dos sonhos”

Na contramão de muitas empresas, o sistema cooperativo gerou empregos em 2020. Daiane da Silva dos Santos, foi uma delas. Desempregada há anos e vivendo de bicos para ajudar o marido nas despesas de casa, disse que a oportunidade de trabalho foi uma bênção.

“Tenho três filhos pequenos, de 9, 7 e 2 anos. A C.Vale foi um presente de Deus em minha vida. Me acolheu num dos momentos mais difíceis. Nesse período de pandemia em que muitos foram demitidos, ela me contratou. Me deu o emprego dos sonhos. A cooperativa foi a luz no final do túnel. Hoje posso sonhar com uma

vida digna para minha família”, enfatiza a auxiliar de produção no abatedouro de aves.

Daiane e outros 7.800 funcionários do complexo agroindustrial da C.Vale trabalham no abate de 610 mil aves e 102 mil tilápias por dia. Só o condomínio de aviários em que os Pádua são sócios, entrega 408 mil aves na cooperativa a cada 45 dias. “A agroindustrialização é uma fonte de renda e empregos que não pode parar”, reforça Altair de Pádua.

### DOAÇÕES DA C.VALE

.....

### R\$ 30 milhões em doações e medidas protetivas

- 42 toneladas de alimentos
- 22.300 peças de roupas
- 6.700 produtos de limpeza
- Respiradores hospitalares



Sérgio Priori e Daiane dos Santos: equipamentos de proteção para preservar saúde e atividades

# Renda assegurada

PRODUTORES RURAIS PRESERVARAM SEUS RENDIMENTOS COM A MANUTENÇÃO DE ATIVIDADES

As medidas de prevenção ao coronavírus adotadas pela C.Vale garantiram a preservação das cadeias produtivas de frangos e peixes, com a consequente manutenção da renda dos integrados, os salários dos funcionários das indústrias e a saúde financeira da cooperativa.

Uma eventual paralisação das atividades dos frigoríficos, como alguns chegaram a defender no início da pandemia, seria um desastre para os produtores de frango. Afetaria os negócios de Márcia Pádua (páginas 16 e 17) e de centenas de outras famílias.

Com uma propriedade de menos de 11 hectares em Linha Chapecó, Maripá (PR), a família Gieseler tem na avicultura a principal fonte de renda. O aviário com capacidade para 27 mil aves responde por 75% da receita de Evanildo e da esposa Leila. “Você ‘tá’ é louco!”, diz o produtor quando perguntado sobre o impacto que teria a interrupção do abate. “O impacto seria gigante. Muitas famílias passariam necessidade financeira”, explica.

Evanildo revela que a integração avícola da cooperativa se adaptou à pandemia fazendo visitas técnicas presenciais em intervalos maiores de tempo e ampliou o atendimento via Whatsapp. A propriedade garante, também, o sustento de Eldemar e Eliane Gieseler, que cultivam 8,7 hectares de soja e milho.



Evanildo, Leila, Eldemar e Eliane Gieseler: frango garante permanência da família em pequena propriedade



**Martins** venceu doença com o auxílio de uma cooperativa de saúde

## *Saúde: atendimento para quem precisa*

A ação das cooperativas não se limitou a adaptações ao cenário da pandemia. Cooperativas de saúde garantiram o atendimento aos associados. Quando o frentista do posto de combustíveis C.Vale de Palotina, Davi Martins descobriu que estava com câncer de próstata, não se deixou abater. “Uai, se tenho que passar por isso, vou passar”, conta, com seu jeito mineiro.

A coragem vem de família, mas a ausência de sobressaltos veio, em grande parte, pelo plano de uma cooperativa de saúde. “O que me deu tranquilidade também foi a Unimed. Se não fosse ela ia ser bem complicado pagar

tudo isso”, comenta.

Ele fez uma cirurgia em abril de 2020 e segue realizando exames periódicos. “Graças a Deus não precisei fazer quimioterapia e nem tomar remédio. Estou ótimo. Não tenho medo e nem reclamo de nada, mas faço tudo que os médicos pedem. Eu me cuido”, garante.

Para o presidente da Ocepar, José Roberto Ricken, “as cooperativas se mantiveram firmes no cumprimento de seus propósitos e cientes da responsabilidade do setor com o Paraná e com o Brasil”. Segundo ele, a preocupação essencial é proteger cooperados, funcionários e seus familiares.

# Cuidados preservam atividades na pandemia

MANUTENÇÃO DA AGROINDUSTRIALIZAÇÃO GARANTIU SUSTENTO DE MILHARES DE FAMÍLIAS

Quando a curva de contágio atingiu seu ápice no Brasil e no mundo, muitas pessoas defendiam o lockdown, a paralisação das atividades. Numa empresa do porte da C.Vale que abate 15 milhões de aves e peixes por mês, seria uma catástrofe ambiental e econômica sem precedente na história. O sistema entraria em colapso. Não existe aterro sanitário para descartar um dia de produção, quanto mais a extraordinária quantidade acumulada dos aviários de campo, matrizeiros e incubatório.

Para garantir a continuidade das atividades de seu complexo agroindustrial, a C.Vale montou uma operação de guerra, mobilizando recursos financeiros e humanos a fim de atender aos protocolos recomendados pelas autoridades de saúde para o controle da pandemia. A cooperativa adotou medidas como a criação de centros de triagem, sanitização de ônibus e áreas de uso comum, fornecimento de máscaras e álcool gel. Cuidados como distanciamento, afastamento de funcionários de grupos de risco, instalação de anteparos de acrílico, aquisição de câmeras que fazem verificação da temperatura corporal também passaram a ser utilizados.

As medidas conseguiram manter o número de funcionários contaminados em níveis reduzidos e asseguraram a preservação de uma cadeia produtiva complexa. Os segmentos frango e peixe empregam mais de 7.800 trabalhadores na C.Vale. São milhares de famílias que dependem diretamente da cooperativa e que movimentam o comércio de suas cidades com a renda que obtêm nas indústrias.



## Novas oportunidades

A preservação das atividades do segmento carnes foi decisiva para que centenas de pessoas conquistassem a oportunidade de trabalhar a partir da manutenção da boa saúde financeira da C.Vale. Assegurada essa condição, a cooperativa manteve os investimentos previstos para 2020. Um deles foi o início das operações de um segundo frigorífico de frangos através da Plusval, em parceria com a Pluma Agroavícola.

O novo abatedouro, localizado em Umuarama, representou a abertura de 800 novos postos de trabalho no noroeste do Paraná. Assim, a exemplo dos funcionários que atuam para o processamento de frangos produzidos pela família de Márcia Pádua, mais trabalhadores se beneficiaram da agroindustrialização.

Sandra Ferreira Bonfim foi uma das beneficiadas pela iniciativa. Ela trabalhava em Itaquiraí (MS), depois mudou-se para Rolândia. Com a abertura do frigorífico da Plusval, transferiu-se a Umuarama. “Na pandemia, muitas empresas fecharam. A indústria abriu portas para muitas pessoas que estavam sem emprego. Fiquei feliz em fazer parte do grupo”, assegura. Ela acrescenta que, no frigorífico, medidas como o uso de álcool gel, viseiras e protetores de acrílico se tornaram um hábito.

Em Assis Chateaubriand, (PR), outro grande investimento resultou em mais oportunidades de trabalho. O hipermercado que a C.Vale construiu no município resultou na abertura de 220 novos empregos. Assim, no ano em que a pandemia puxou para cima a taxa de desemprego, a cooperativa criou mais de mil empregos somente em dois novos empreendimentos.





Sandra Bonfim é uma das 800 pessoas que conseguiram emprego no frigorífico da Plusval

# Atividades preservadas, riscos ambientais evitados

## EVENTUAL INTERRUPTÃO DA PRODUÇÃO DE FRIGORÍFICOS GERARIA ENORME IMPACTO AMBIENTAL

A manutenção das atividades dos frigoríficos por se tratarem de serviços essenciais, durante a pandemia de Covid-19, garantiu não apenas a renda dos integrados e o salário dos funcionários das cooperativas e de outras empresas do setor, como também evitou problemas que alcançariam dimensões bastante grandes e graves.

Uma eventual paralisação dos abatedouros, como chegou a se discutir, no início de 2020, geraria um impacto ambiental sem precedentes. Pelo ciclo curto, o segmento frango seria o mais afetado e levaria ao sacrifício de milhões de aves, necessidade de abertura de valas para enterrar as carcaças com risco de contaminação de lençóis freáticos. Outras consequências seriam o descarte de pintinhos e ovos, antecipação do abate de matrizes e risco de transmissão de doenças avícolas.

Só na C.Vale são mais de 600 mil frangos por dia, quantidade extraordinariamente grande para se admitir a possibilidade de interrupção das atividades da cadeia produtiva. Um sistema de integração dessa dimensão exige 124 toneladas de ração por dia e uma eventual paralisação da fábrica resultaria em falta de alimentos em poucas horas. Num segundo momento, começaria o canibalismo, ou seja, um frango atacando o outro.

## Frigoríficos garantem abastecimento

A pandemia não chegou ao fim, mas o desfecho da história é conhecido. Os frigoríficos continuaram produzindo, mantendo a fonte de renda de produtores, funcionários, a receita das cooperativas e garantindo o abastecimento da população. Em Fazenda Rio Grande (PR), por exemplo, os consumidores do Supermercado Boza continuaram tendo acesso à carne de frango C.Vale.

As cinco lojas da rede comercializam, mensalmente, sete toneladas de coxa com sobrecoxa, coxinha da asa, filé de peito e outros cortes. Parte disso tem origem nos aviários da família Pádua, de Terra Roxa (PR). “A continuidade da produção das cooperativas é muito importante para fornecer proteína animal para os nossos clientes”, assegura Eduardo Pereira dos Santos, que atua na área de carnes do supermercado.



Eduardo dos Santos, do Supermercado Boza



Caminhões levam milho e soja para abastecer fábrica de rações da C.Vale